

O chanfaneiro (typo gallego) — Desenho original de Nogueira da Silva

Isto é chanfana, e sei quanto ella custa.
Deu-me o berço, dar-me-hia a sepultura,
A não valer-me a vossa mão augusta.

NICOLAU TOLENTINO

A poesia dramatica escolheu sempre para figuras de comedia certos typos conhecidos, que por exoticos e risiveis provocassem a hilaridade publica. Os jornaes illustrados de gravuras fazem outro tanto. O lapis de Gavarni, Monier, Pauquet, Loubon, Daubigny e outros em França, e o de Nogueira da Silva em Portugal, tem esmaltado com desenhos typicos e caricatos, as melhores paginas de litteratura amena dos escriptores notaveis de ambas estas nações. Os que dentro em pouco tempo se hão de admirar na edição completa de Nicolau Tolentino, que se acha já nos prelos da officina d'este jornal, darão testimunho de que ao talento e estudo do nosso artista, se deve a creação d'este genero de pintura risonha entre nós.

O typo que nos elle desenha na figura que estamos vendo, é bem conhecido para podermos verificar a naturalidade com que está copiado, e a arte com que foi posto em acção. É um gallegaço sem tirar nem pôr.

O gallego subministra muitos typos ao theatro e á gravura. E porque? Porque depois do burro, mal comparado, é o ente mais serviçal e para tudo que se conhece no mundo. Se este animal tivesse, como teve o jumento, um biographo tão amoroso e eloquente como foi Buffon, não sería de certo o alvo de tantos motejos, e o seu prestimo e sobriedade teriam o merecido louvor dos economistas politicos.

As vocações e officios tambem tem nacionalidades. Só o gallego é annexionista, centralista, unitario — topa a tudo para não perder um *chavo*.

A Galliza é um reino abençoado de Deus, pela fertilidade do solo e da população. A incuria do governo faz com que os moços d'algumas terras d'aquella provincia de Hespanha, não achando trabalho na sua patria, o vão procurar na alheia. Denota isto que são laboriosos. D'aqui provém a grande emigração de gallegos para Lisboa, e o seu emprego em trabalhos braçaes desde tempos remotos, principalmente nas capatazias de aguadeiros.

N'este mister e no de taberneiro é que o gallego é mais conhecido hoje. Industrioso e especulador, o gallego rodeiou os chafarizes de tabernas, tascas e bodegas, para que os rebanhos patricios não fossem pastar ás vendas nacionaes, evitando assim que os duros fossem a molle e molle ficando em Portugal, com detrimento do bispado de Tuy.

Conhecedor da obrigação e genio de poupar que tem seus patricios, o taberneiro gallego inventou um prato para os dias de barba, barato, mas que pelo cheiro fizesse crescer a agua na bocca aos que a trazem sempre ás costas. Foi a chanfana. Da fressura ou

deventre do boi saiu este guisado, subdividido em dobrada, iscas de figado e não sabemos que mais.

Com boa mão para temperar, o chanfaneiro pizando

> Cabeças de alho com vinagre e loiro,

mette pelos narizes o appetite com um

> Suavissimo cheiro, o qual augura
> Grato manjar, mas que, por causa justa,
> Tem um sabor que nem o demo o atura!

Que assim descreveu o nosso Tolentino a chanfana, declarando no terceto, posto por epigraphe, que fôra criado com ella. Não era elle gallego, mas como sempre os poetas viveram em apuros, fazendo das tripas coração, não admira que o Tolentino recorresse á fressura, iguaria de pobres.

Pede tambem a verdade da historia d'este prato, dizermos, que elle não só aguça o appetite do gallego; tambem muitos dos nossos concidadãos se pellam por dobrada, iscas de figado e similhante chanfana de taberna. Tambem ha concurrencia nacional a este mercado, e naturalmente freguezes certos, e de casaca.

Mas a nossa estampa representa o chanfaneiro em dia de jejum, porque, pelos modos, está partindo peixe espada para frigir. É verdade. Nos dias em que se não mata rez no Campo de Sant'Anna, a Ribeira é que dá as victimas immoladas para fartar os Hercules da peninsula iberica. O peixe é tambem do dominio directo da taberna, e da alçada do cozinheiro de tasca. As mais somenos não passam de chicharro, sardinha e peixe espada; as de nome chegam até ao robalo. Tambem ha bodegas que não passam de feijão e bacalhau, que são os dois principaes generos alimenticios do gallego frugal. Com 35 réis fica jantado!

Alguns avarentos, cuja mesquinhez e sordicia mal se podem definir, para mais tirarem á bocca e metter na burra, que é a sua alma, vida e coração, passaram com este jantar annos e annos, até que, já feitos capitalistas de meia tigela, começaram a pôr panella ao lume. Diz-se que esta é a historia primitiva de muitos ricaços que ainda vivem, ou dos ascendentes de que hoje arrotam postas de pescada, desinfectados já do cheiro do bacalhau, do feijão e da chanfana.

O taberneiro que figura a nossa estampa, pela arrogancia e aceio com que está dando sentenças de mão na ilharga, deve ser o Matta da gallegagem. Tambem ha Mattas de taberna, e Isidros de tasca. Este deve ser afamado entre a freguezia das mesas redondas de feijão com couve. Está gordo como um texugo; tem cachaço de frade, é pansudo como um conselheiro, e alambasado como um chanfaneiro classico. O gato é que anda na espinha, apesar de lhe estar lambendo os pés, e roçando-se por elle, como um candidato pelos eleitores em vespera de eleições. Parece que o taberneiro tambem frege as guelras em vez de as dar ao gato!

Ao fundo da taberna estão dois aguadeiros a jantar, já desdentados, e naturalmente freguezes da primitiva, isto é, da abertura da casa, epocha em que o taberneiro, hoje tão anafado, estava talvez tão magro e alquebrado como elles.

Mulheres houve insignes na poesia, que tinham o sobrenome de Moscas; uma em Thebas, outra em Esparta, outra em Thespias. Pythagoras tambem teve uma filha chamada Mosca. Em Athenas houve outra mui conhecida pela mesma alcunha.

PADRE MANUEL BERNARDES

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 257)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XIV

DISPOSIÇÕES MYSTERIOSAS

O sujeito, tanto que avistou os dois, adiantou-se a encontral-os.

— O sr. capitão-mór de Murça, e o sr. morgado de Royos — disse, eram esperados com alvoroço: bem vindos sejam!

O doutor e o capitão-mór apearam-se, correspondendo a esta saudação herdada da hospitalidade antiga.

— Em Veigas estamos, já vejo — tornou o fidalgo de Val-de-mil, com a urbanidade nobremente conceituosa que lhe era instincto.

— A dois passos — retorquiu o primeiro. — Dês que recebemos a carta...

— Prevenção necessaria! — atalhou o capitão-mór em modo de explicação — Não tinha tratado ainda com tão honrada casa!

— E teve confiança n'ella? Todos lhe somos agradecidos. Dês que recebemos a carta, dizia eu, ficaram-nos dois desejos...

— Dois!

— A qual mais vivo. O primeiro ver chegar esta occasião...

— O segundo?

— Cumprir em tudo as suas ordens.

— Rogativas.

— Ordens.

— Bem tudo?

— Em tudo.

— Boa palavra!... Não por mim, por... Logo diremos — accrescentou lançando os olhos em redor, com ares de quem teme commetter uma imprudencia.

— N'esta terra póde-se fallar livremente — observou o cortez hospedeiro.

— Como em toda a provincia — disse o doutor entrando na conversação.

— Não importa — continuou o capitão-mór. — Pouco prudente seria por estradas e caminhos... Dizem que as paredes tem ouvidos!... Oh! da gente das nossas terras não ha que duvidar, sei. Mas quem nos diz que alguem de fóra...

— E que tinha? — replicou o individuo, mancebo ainda, que primeiro os saudára. — Que nos hão de reprehender? Atrevam-se!...

— Não importa, não importa. Mais vale dizer bem fiz eu... Para melhor nos hemos de guardar. E depois... espera-nos a casa, não?

— Com as portas abertas — atalhou o outro.

Os dois morgados entregaram o murselo e a mulinha ao Alegre, e seguiram o hospedeiro.

A dois passos, com effeito, bifurcava-se o caminho, bracejando para uma larga e espaçosa avenida, que orlava um fundo arroyo murmurando entre relvas, e guarneciam duas fieiras de choupos perfilados como gigantes em alas.

Na extremidade d'esta avenida erguia-se a casa a que se dirigiam os caminheiros, uma nobre casa, a julgar pelo vulto dilatado entre as arvores, e de veneranda origem, attestava-o a torre antiga a que se encostava a habitação nova, como o infante nos joelhos dos avós.

A hospitalidade de Veigas correspondia em tudo á bizarra cortezia de que já o leitor viu um indicio nos primeiros comprimentos.

Pertencia esta propriedade á familia Mariz, de respeitavel nomeada na comarca. A familia constava de tres irmãos. O segundo, capitão de artilheria, achava-

se no Porto. O terceiro era justamente o que estava recebendo o capitão-mór. Quanto ao morgado, residia ordinariamente n'outra quinta ao pé de Grandaes, a coisa de uma legoa de Bragança, e tres, pouco mais ou menos, de Veigas.

Veigas, portanto, podia-se considerar uma estação intermediaria.

Não conhecia pessoalmente o capitão-mór os Marizes; mas eram-lhe notorios os creditos de que universalmente gozavam. Escrevêra ao mais velho, confiando n'estes creditos e na sua propria reputação.

Fôra a carta um pouco vaga e cautelosa; mas o morgado Mariz interpretára as meias palavras como bom entendedor. Não satisfeito com dar a resposta que se podia desejar, encarregára seu irmão mais novo de ir ao encontro do fidalgo de Val-de-mil.

Podia haver mais esperançoso acolhimento?

A ceia lauta parecia estar já esperando os convivas, que bem careciam de restaurar-se. O capitão-mór, sobre tudo, nada indifferente, como sabemos, a estes regalos succulentos, honrou com um appetite de Gargantua a copiosa mesa de Veigas. Os cuidados e saudades eram grandes; mas não poderam resistir ao perfume substancial, que exhalavam um quarto de vitella, saído do forno, e uma travéssa de morcellas, vindas de Arouca, e tiradas da certã.

A verdade manda Deus que se diga. Na primeira meia hora o estomago do capitão-mór fez-lhe esquecer o coração.

O taciturno doutor, na sua qualidade de namorado consciencioso, ausente da prenda adorada, devia, bem o sei, ruminar... uma elegia quando muito. Não é o manjar dos mais nutrientes; mas em rigor pertence ao officio. Ter os olhos em alvo e as lagrimas nos olhos, em vez de mascar prosaicamente, como o vulgo dos mortaes, é preceito elementaríssimo do ritual — quem o ignora? O amor, dizem-n'o os mestres da arte, para ser um amor capaz, ha de em toda a occasião mostrar-se ao publico profano como coisa immaterial, etherea, impalpavel, ainda que em particular estoure de indigestão.

Indubitavel é tudo isto. Mas eu sou historiador fiel, e não posso occultar — deploravel realidade! — não posso occultar que o doutor... fazia a segunda ao futuro sogro, violando todas as tradições, com um desembaraço e expedição, que me faz cair as faces de pura vergonha!

Que hei de dizer á leitora para dissimular, ou sequer desculpar similhante enormidade? Que o pobre legista era moço, a jornada longa, o ar da serra vivo? Conheço perfeitamente a futilidade da apologia. Por isso me vê tão confuso... que nem a intento.

O stricto dever de um homem que ama devéras é finar-se de inanição, ou renovar na sua pessoa o milagre popular de S. Benedicto; e o sr. Diogo Montez, da casa de Royos, n'aquella noite fatal, transgrediu todas as conveniencias digerindo como um bernardo, sem contar que!... já agora direi tudo... sem contar que, para remate de horror e heresia, depois de bem attestado, enfiou-se na cama, e dormiu de um somno, sem o minimo colloquio com as estrellas.

A humanidade é fragil!

Difficil será agora persuadir que o meu doutor, este doutor irreverente, este heterodoxo doutor, estava cada vez mais apaixonado, apaixonado como se não póde dizer, pela gentil menina de Val-de-mil.

Todavia era assim. Era assim, apesar da vitella de Veigas e das morcellas de Arouca. Parece impossivel, monstruoso, blasphemo, paradoxal? Pois o tempo o mostrará.

Á ceia não se proferíra uma palavra relativa aos projectos que levavam alli o capitão-mór: naturalmente a presença dos criados motivava esta reserva.

Terminado, porém, que foi o repasto, o dono da casa, ou antes o delegado do dono da casa, despedindo-se dos hospedes, que precisavam descanço, disse para os dois:

— Partimos ao amanhecer: hemos de estar cedo em Grandaes.

O capitão-mór ouviu o annuncio com certa alegria. Porque? Que esperaria elle n'aquelle sitio preconisado? A correspondencia de ss. s.as tinha o fio d'estas jornadas, em que tudo apparecia prevenido.

Mal amanhecia ainda, partiram effectivamente.

A recepção em Grandaes foi uma sequencia da de Veigas. O morgado Mariz tratou o fidalgo de Val-de-mil como se fôra amizade antiga. Muitos dos seus conhecimentos eram communs. Sobre isto versou a primeira conversação.

Dos conhecidos passaram aos parentes. Ao cabo de uma hora de palestra, descobriram que eram primos, não sei em que grão: o morgado Mariz era genealogista quasi tão profundo como o proprio hospede.

Não ha invenção como a genealogia. Com pequeno esforço provará ao mais incredulo que o mundo está povoado de primos.

Ha quem diga que é a sciencia da aristocracia? Eu estou, pelo contrario, que é a base da democracia. Deixem-n'a ir até Adão, e verão como, certificando a identidade de familia, acaba as razões de preeminencia.

Como nem mesmo de genealogias se póde fallar eternamente, e como, além d'isso, o fidalgo de Val-de-mil trazia outro fito, a pratica incerta, em que os dois, digamos, sondavam o terreno, tomou em breve um caminho mais conforme ao natural pensamento de ambos.

— De Bragança — disse o capitão-mór, empregando uma allusão certamente entendida — de Bragança ha boas noticias?

— As melhores — respondeu com um sorriso de satisfação o dono da casa.

— Iremos lá, hoje mesmo?

— Pelo contrario.

— Pelo contrario, diz! — tornou o hospede sobresaltado — Pois não me afiança que as noticias...

— São excellentes, assevero-o.

— Então!

— Nem por isso iremos a Bragança.

— Porque?

— Porque Bragança virá aqui.

— Ah!

— Entende-me?

— Perfeitamente. Mas...

— Que é? Não conclue?

— Talvez seja ousadia da minha parte.

— Não importa, diga. Bom é explicarmo-nos.

— Não receia que signifique duvidas esse recato? Presumo que é para maior recato.

— Talvez... não sei... Mas que seja? O principal está vencido.

— O principal ainda não. Alguma coisa, porém, é já. E... e communicou-lhe...?

— O que? Não podia communicar-lhe... senão conjecturas.

— Acertadas, aposto.

— Provavelmente, mas conjecturas. Julguei que me não cabia fazel-o.

— O empenho é commum, creio.

— É, de certo. Mas a cada um o que lhe toca. N'este caso não me tocava senão servir de introductor. Deixei-lhe só entrever... o que eu entrevia. Era indispensavel.

— Era dever de lealdade.

— Assim o pensei.

— E que respondeu?

— Nada... e muito. Vem.

— Muito é, com effeito — murmurou o capitão-mór reflectindo. — Mas será tudo?

— Dirá... e ouvirá — retorquiu o dono da casa, como quem plenamente confia em si. — Não é uma boa africa transportar-lhe assim Bragança para Grandaes? — accrescentou em tom de discreto gracejo.

— Das maiores — acudiu do mesmo modo o capitão-mór. — E ninguem conheço que tão bem fizesse o milagre. Por isso o sollicitei.

— Milagre, não.

— Difficuldade, pelo menos.

— Isso sim; sobre tudo considerando... as asperezas do caminho...

— E a valia do transporte!

Não foi mais longe o dialogo. Se curiosos escutassem, mal lograriam decifrar o enigma dos interlocutores, que se exprimiam por allegorias.

Das dez para as onze horas chegou um militar superior, que parecia esperado. Era homem de grande edade e maior porte, o aspecto nobre, a estatura notavelmente elevada, o gesto imperioso como de pessoa costumada ao mando.

O morgado foi receber á porta, com grandes signaes de respeito, este novo personagem.

Até ao jantar, os dois viajantes e o militar percorreram a quinta e a residencia, acompanhados e festejados dos donos da casa, como se foram apenas amigos que viessem espairecer-se á habitação campestre de outro amigo. Salva a deferencia que todos manifestavam ao militar, deferencia justificavel por muitas razões, pela graduação, pela nobreza ou pelos annos, o mais escrupuloso observador não distinguiria n'esta reunião, evidentemente preparada, o menor indicio de premeditação suspeita.

Os de Mariz passeiavam as visitas com a liberdade e desenfado de proprietarios, unicamente empenhados em lhes fazerem admirar sem misericordia a collecção de bellezas da sua possessão. Observava tudo o militar, como entendido, e, correspondendo ás sollicitudes respeitosas com aquella affabilidade senhoril, que inculca uma posição superior, fitava, de vez em quando, olhos furtivos e perscrutadores no capitão-mór, como se víra n'elle um homem singular.

Era este o unico symptoma de estranheza, symptoma a bem dizer invisivel, certamente inappreciavel. Como que havia entre todos tacito accôrdo para desempenharem exterioridades já anteriormente convencionadas.

Por volta de meia tarde, isto é, ao levantar da mesa, em quanto a familia miuda se banqueteava tambem no tinello, hora propicia aos segredos dos amos, o militar, o capitão-mór, os dois de Mariz e o doutor dirigiram-se naturalmente, sem affectação, ao mirante, que ermava n'um alto, no meio da quinta, e alli se encerraram, ficando de fóra o Mariz mais novo, para atalayar a casa em roda.

O velho militar sentou-se n'um banco de pedra, alongado em volta das paredes, unico assento que havia na casa. O morgado Mariz e o doutor retiraram-se para o vão de uma janella, como se quizessem deixar ao fidalgo de Val-de-mil a honra de conferenciar com o personagem.

O capitão-mór ficou em pé, direito e grave, na presença do general...

Fugiu-me ao cabo o fio do mysterio. Era, effectivamente uma das primeiras patentes, o velho militar, que viera de Bragança. Estamos, nem mais nem menos, com Manuel Jorge Gomes de Sepulveda, commendador da ordem de Christo, alcaide-mór de Trancoso, tenente general dos reaes exercitos, e governador das armas da provincia de Traz-os-montes, posto pelo principe regente, e esquecido no seu governo, provavelmente em consequencia da posição geographica da provincia.

Agora já o leitor percebe as allusões, e póde encher quaesquer lacunas, sem necessidade de mais explicações.

— Queira v. s.ª fallar — disse o general ao capitão-mór, encarando-o d'esta vez directamente.

O bom do fidalgo de Val-de-mil, pouco feito ás sobrancerias d'aquelle tom em que a mesma polidez estava dizendo auctoridade, e sem trato frequente com pessoas de tão elevada jerarchia, na primeira entrada balbuciou seu tanto.

Em breve, porém, lhe alevantaram o animo a consciencia de um generoso designio, e até certo ponto a rememoração mental da sua stirpe e nobiliario!

MENDES LEAL JUNIOR

A HYENA

É vergonhoso que muitas pessoas, aliás cultas, repitam como coisa corrente em historia natural, as fabulas ridiculas e absurdas que o vulgo crê de certos animaes, e que, ainda mal, andam escriptas até em livros de ensino.

Hoje, que toda a pessoa, ainda mediamente instruida, deve ter algumas noções de introducção á historia natural, não é permittido ignorar que a zoologia moderna tem desterrado todas essas patranhas, com que os naturalistas antigos, por falta de observação, se fizeram interpretes dos erros e crenças do vulgacho.

A hyena entra na conta dos animaes a que se tem attribuido propriedades fabulosas, cuja origem fôra curioso saber-se.

Certo é que hoje o estudo cabal da zoologia tem patenteado que muitas das qualidades attribuidas a certos animaes, boas e más, com que os poetas e os novelleiros embalaram o povo, carecem de fundamento.

A hyena, por exemplo, descripta com tanta exacção por Aristoteles, foi, apesar d'isso, tida na antiguidade por animal singularissimo, em vista das absurdas propriedades que lhe attribuiam, absurdos de que o proprio Plinio foi interprete.

Acreditavam os antigos que a hyena mudava de sexo todos os annos, sendo um anno macha e outro anno femea, alternadamente. Santo Isidoro affirmou que a hyena era hermaphrodita, e que fazia geração por si só. Diziam que a sua sombra fazia calar os cães; que todo o animal que a via por terceira vez ficava de bocca aberta a olhar para ella. Que a onça lhe tinha tanto medo, que até depois de morta, estando as pelles de ambas juntas, caía o cabello á da onça, o que litteralmente queria dizer que esta tinha tanto medo da hyena que se pellava. Acreditavam mais que sabia imitar a voz humana, para chamar pelos seus nomes as pessoas que queria attrahir a sitios escusos, para a seu salvo as devorar. O coração e o figado d'esta fera tambem tinham grandes virtudes para as artes magicas.

Nenhuma d'estas historias da carochinha necessita de refutação. O que admira é que houvesse gente que as acreditasse e escrevesse.

Hoje está averiguado que a hyena quasi nunca accommette o homem, ainda quando sejam muitas, e o homem esteja sósinho. É, porém, mui perigosa e voracissima quando tem fome. Como o seu melhor manjar é carne morta, não se decide a fazer prezas vivas, senão quando já não tem vegetaes ou raizes de que se alimente. É então que se lança ao homem, bem como a qualquer animal que lhe apparece. Mas

isto é raro até nos paizes onde as ha em grande numero.

A hyena é uma especie de lobo, e do tamanho d'elle, porém mais socada, e algumas, as do Oriente, mais curtas. Tem só quatro dedos nas patas; as orelhas são longas e direitas; os olhos dispostos como os do cão, e com excessivo brilho na escuridade. O pello é pardo, e de mistura alguns loiros e pretos, com ondas transversaes mais escuras.

A hyena, com ser um animal vigoroso, é covarde; e por isso não dá caça nem aos animaes menores e mais fracos do que ella. Prefere os corpos mortos, que váe desenterrar para comer. No Oriente, onde os cemiterios estão fóra das povoações, e são em geral abertos, é que as hyenas vão pastar; e d'aqui provém o asco e horror que produz este animal, que é além d'isto mui fétido.

Os naturalistas distinguem duas especies, que são



A hyena

a hyena raiada, e a hyena mosqueada. A raiada, que é mais commum, habita em grande numero na Persia, Arabia, Syria, Egypto, Nubia, Abyssinia, e em todas as provincias da Africa septentrional, d'antes comprehendida sob a denominação de Berberia. A hyena mosqueada vive na extremidade austral do continente africano, nos arredores do cabo da Boa-Esperança.

Pelo que temos dito se vê, que da hyena não póde o homem tirar nenhum proveito. Comtudo, n'algumas cidades do Oriente fazem ellas o mesmo serviço que entre nós fazem os varredores das ruas. Assim que anoitece, recolhem-se todos a casa, e fecham as portas para deixarem entrar os bandos de hyenas, que fazem uma limpeza em todos os ossos e immundicies de que as ruas estão cheias, sendo coadjuvadas n'este serviço municipal por nuvens de abutres. Sem estes animaes, as cidades de uma parte do Oriente seriam inhabitaveis, pela infecção pestilencial das materias putridas que se despejam das casas, as quaes devoram todas as noites as hyenas, e de madrugada os abutres.

Todavia, a hyena criada de pequena com sopa, arroz, e outras substancias vegetaes, faz-se tão mansa e familiar como o cão. Ainda que o seu instincto natural não seja para caçar, ha já quem as tenha

ensinado para este mister, mostrando ellas muita actividade e intelligencia.

Em summa, está averiguado que o motivo por que a hyena deixa de ser comprehendida entre os animaes domesticos dos orientaes, é o seu mau cheiro, tal que não póde ser tolerada dentro em casa.

Nos paizes do levante, onde a civilisação começa a derramar os seus beneficios, vão desapparecendo as hyenas. Na Algeria já as não ha nas terras bem cultivadas, nem nas cidades limpas, porque não acham alli de comer.

Á vista d'isto não nos deve admirar a docilidade de algumas hyenas, que os domadores de feras costumam trazer nas suas jaulas para mostrar, e que nós já temos visto em Lisboa.

Finalmente, a hyena, apesar da sua má reputação, com ser muito voraz, não é feroz, na rigorosa accepção d'esta palavra.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos [1])

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

A colera do rei já não tinha limites. Haviam-lhe contrariado as affeições, violentado a vontade, obrigando-o a separar-se de Antonio de Souza de Macedo, e do conde de Castel-melhor. Só passados dias tornou a chamar para junto de si o primeiro: se ganhasse força moral chamaria tambem o segundo, que lhe era ainda mais util e necessario.

A reapparição de Antonio de Souza no paço exacerbou a rainha e o seu partido, que insistia pela expulsão e castigo do secretario. O rei dissimulava. Não conhecia o perigo da conjuração que se formava contra elle, e pensava que podia com actos violentos conter em respeito os descontentes. D'aqui as prisões que ordenára contra os condes da Torre, e de Villa-flor, contra D. João da Silva, Francisco Corrêa, Pedro Fernandes Monteiro, e alguns outros: d'aqui a attitude que o partido da rainha e do infante tomou para subjugar o rei, e haver a si as rédeas da governação.

No dia seguinte a nobreza unia-se ao principe para tomarem posição de resistencia e ameaça.

Quando na manhã de 5 de outubro (1667) o reitor do noviciado ia dar conta ao infante da benevolencia com que a rainha recebêra as desculpas e o arrependimento da sua ida ao paço a chamado do rei, sem accôrdo com ella, encontrou as coisas em tal estado, que voltou em continente a participar ao padre de Villes outras muito mais notaveis novidades, para que as fosse logo communicar á rainha. O principe preparava-se para ir n'essa mesma manhã ao paço, com toda a nobreza, a melhor parte do conselho, os mais notaveis tribunaes, o juiz do povo, e os vinte e quatro chefes dos mesteres. Queriam fallar ao rei, e dispol-o pelas suas considerações e supplicas a dar a ordem necessaria e conveniente a todas as coisas. Recommendava-se á rainha que estivesse prestes, e esperasse que fosse tempo de apparecer. Na cama recebeu ella esta noticia, e levantou-se logo. Esperava-a o marquez de Marialva, para lhe dizer da parte do rei, que não o apertasse muito quanto á satisfação que desejava pelo secretario de estado, porque em pouco tempo proveria a isso. O marquez acrescentou, rindo:

— «El-rei pede um pouco de tempo: V. M. póde comprazer, porque o tempo não será dilatado, e este negocio cedo acabará d'outro modo.»

A rainha, que desconfiava d'elle, não manifestou que o entendia. Marialva continuou:

— «Pois o padre confessor não disse alguma coisa a V. M.?»

— «Não (respondeu ella), mas eil-o que chega.»

E correu a ouvir a missa, finda a qual entrou no toucador.

Pouco depois, pelas onze horas chegou o principe ao paço, acompanhado da fidalguia da corte e da cidade. No meio das honras e dos respeitos de toda a guarda, subiu aos aposentos do rei, que se encheram com os que o acompanhavam. Uma duzia dos mais qualificados parou á porta da camara, apparentemente em signal de respeito, mas de facto para a guardarem e serem senhores d'ella. Todos os do conselho que estavam no paço entraram com o principe na camara, onde o duque de Cadaval, os marquezes de Marialva, de Sande, e de Gouvêa, já estavam. Começava o rei a vestir-se, e não tinha mais que os calções. O infante fallou-lhe com muita modestia e submissão, ligeiramente sobre coisas que lhe tocavam em particular, e com mais vehemencia ácerca das que eram do governo, e da rainha. Ao ouvir o nome de Antonio de Souza de Macedo, o rei perdeu a paciencia e rebentou em gritos, tão grandes que se ouviam na praça e em todo o paço. A ninguem compadecia: nem os valentões, nem os outros criados appareceram. Todos se tinham confundido com a gente do principe, assim como os soldados com o povo, que corria de todos os lados. O proprio Ruy de Moura, o conde de Val-de-reis e o arcebispo de Braga tinham-se retirado. Em roda de si não via D. Affonso senão quem lhe parecia contrario, mas nem por isso descontinuava no seu arrebatamento. O marquez de Gouvêa foi victima de suas injurias; e quando ia voltar-se para o principe, pediu a sua espada. O irmão ajoelhou, e lhe apresentou a sua, meio desembainhada.

— «Se é para a voltar contra mim que V. M. quer a espada, aqui está a minha mais perto, e eu aos pés de V. M.»

Quando as coisas iam n'estes termos, D. Verissimo de Alencastro correu a chamar a rainha, e depois o conde de Santa-Cruz, e D. João de Souza, gritando que se iam degollar na camara do rei; que acudisse ella, fosse qual fosse o estado em que estivesse. Á terceira mensagem, estando-se a pentear, partiu como estava, no meio dos applausos dos seus parciaes.

— «Que vindes fazer aqui, quando não sois chamada?» (lhe perguntou bruscamente mal a viu entrar, o marido, que estava em calções estendido sobre a cama).

— «É verdade, senhor, (respondeu ella com doçura) não fui chamada, mas ouvindo toda esta bulha, a minha affeição por V. M., o meu dever e a inquietação em que estava, me obrigaram a vir aqui correr a mesma fortuna que V. M., e participar de tudo que possa succeder. Permanecerei ao pé de V. M., e não o abandonarei sem que isto tenha terminado.»

— «Não foi isso que vos trouxe (replicou Affonso VI): viestes ver o principe!»

D. Pedro sorriu-se d'esta inconveniencia. A rainha respondeu-lhe com doçuras e amabilidades, em quanto o rei continuava a clamar contra o irmão, e algumas vezes contra ella, retorcendo os braços, e atormentando-se como se tivesse contorsões. Perguntava pelos seus valentões; gritava que todo o mundo o tinha abandonado; que o povo, a nobreza, o infante e sua propria mulher eram contra elle; que infante e rainha o tinham surprehendido traiçoeiramente na cama e em calções; que queria conservar o secretario d'estado, que o conservaria, que

[1] Vid. pag. 373 e 378 do II vol. d'este semanario. Item, *Archivo Universal*, II vol. pag. 371 e 385 — *Illustração Luso-Brasileira*, vol. III, pag. 294 e 318.

o chamassem que o queria ver, se é que na passagem o não queriam matar. O duque de Cadaval offereceu-se para o ir buscar, promettendo que o traria são e salvo. Pouco depois appareceu o secretario, mais morto que vivo, e se deitou todo ao comprido com a face em terra aos pés da rainha, pedindo perdão.

— «É mui tarde» (respondeu ella friamente, sem olhar para elle).

O rei recebeu-o com alegria.

— «Quero conservar-vos (dizia elle em grita): nunca vos abandonarei!»

O secretario sem o escutar, gritava:

— «V. M. quer que me matem! El-rei quer matar-me! Deixem-me ir embora!»

Annunciando-se a este tempo o juiz do povo, D. Affonso desfez-se em injurias contra elle, e lhe mandou dizer que se retirasse, que não queria nem vel-o nem ouvil-o.

Para acabar com esta bulha, ou interrompel-a ao menos, propoz-se que fossem todos ouvir missa. Assim se fez. Finda ella, o rei e o infante conduziram a rainha ao seu aposento, e o principe mandou buscar o jantar, declarando que não sairia do paço em quanto o rei não entrasse na razão, ao menos pelo que tocava ao secretario d'estado.

O conde de Val-de-reis, Lourenço de Souza, e Pedro de Almeida, sabendo que as coisas iam no paço com mais moderação que a que tinham supposto, voltaram, e com elles todo o resto do seu partido, á excepção de Ruy de Moura Telles, que fingindo-se doente, ou estando-o realmente, ficou oito dias em casa.

Pelas tres horas da tarde começou a turba a impacientar-se e exaltar-se. O juiz do povo veiu participar ao rei e ao principe, que já não a podia dominar. O alarma não era fingido. Á camara do rei chegavam gritos que pediam a cabeça do secretario d'estado. N'esta extremidade o conde de Val-de-reis e os outros do mesmo partido aproximaram-se do rei. Os amigos do infante puzeram-se mais ao largo, para os deixar fallar. Ao cabo d'este pequeno conselho, que não durou muito, Lourenço de Souza e Pedro de Almeida asseveraram á gente do principe, que alli estava, que o secretario se retiraria á noite sem falta. Lourenço de Souza saiu da camara, e proferiu bem alto, que tudo estava accommodado, e que o rei perdoava tudo. O conde de Villa-verde e outros fidalgos offenderam-se do *perdão*, levaram mãos ás espadas, e, ameaçando-o, maltrataram-n'o com palavras. Aquelles a quem tinham promettido que o secretario se retiraria, disseram ao principe que tudo estava accommodado, e que apparecesse á janella com o rei. Ao mesmo tempo o marquez de Gouvêa, de Marialva, e de Sande, foram buscar a rainha, e mal ella appareceu entre os dois irmãos, e se proclamou que tudo se tinha composto, a multidão, que desde quinze dias não sonhava senão vinganças, e um momento antes parecia furiosa, soltou de todos os lados gritos de alegria, repetindo por muito tempo:

— «Viva a rainha! Viva el-rei! Viva o infante.»

Depois que a familia real se retirou da janella, dispersaram todos, e cada um voltou ao seu trabalho. O infante que todo o dia estivera senhor do paço, da pessoa do rei seu irmão, e de todas as coisas, fez o mesmo. Depois de conduzir a rainha ao seu aposento, e de se despedir do rei; quando se dispunha a sair com toda a nobreza que o tinha acompanhado, sendo o rei o primeiro a ausentar-se, é que a rainha pôde interrogal-o.

— «Que accommodação é esta, que se diz feita?» lhe perguntou ella.

— «Nada sei (respondeu o cunhado): foram os meus, que me disseram que tudo estava composto, e que apparecesse á janella: fiei-me n'elles.»

Separaram-se, mas o principe voltou outra vez, após breve demora, acompanhado do duque de Cadaval, e do marquez de Marialva, a contar á rainha tudo o que se tinha passado, e livral-a de inquietações. Prometteu voltar no dia seguinte, e todos os dias, ao paço, porque era preciso que o rei fosse o que era justo e necessario por bem do reino. Depois de grandes protestações de respeito pelo rei, e de dependencia e fidelidade por ella, retirou-se definitivamente.

Quando se soube na cidade a situação em que o principe se achára no paço, esperou-se que elle o limparia de todo, antes de sair; que regularia o governo, e acabaria a obra d'uma vez. A muitos parecia ser melhor assim, que dividir e fazer a obra por partes. Se o negocio caminhava vagarosamente, cada parte custaria tanto esforço como o todo, e não faria menos bulha, sem fallar das mudanças e divisões que o tempo podia causar.

Um estrangeiro, a quem contaram o resultado do movimento d'este dia, que só produzira a separação do secretario d'estado, disse que não era precisa tanta bulha e tanto apparato para isso; que bastava apresentar ao rei outro secretario com seis pistolas e outros tantos punhaes ou facas á cinta ou nas algibeiras, e dizer-lhe que este era duas vezes mais valente que Antonio de Macedo, porque o rei o preferiria a Macedo sem hesitar!

Todo o conselho e toda a nobreza ficaram admirados do que a rainha praticára e dissera n'esta occasião. O duque de Cadaval repetia que não só tinha admirado o seu porte e graça quando entrára na camara do rei, mas o seu sangue frio em tão grande tumulto, mostrando-se livre e sem temor, como se estivesse na sua camara entre as damas.

No dia 6 soube-se que o secretario de estado e Manuel Antunes se tinham retirado na noite precedente. A gente do principe assegurava que o resto do partido do rei, e toda a escoria do paço seguiriam aquelles dois, e indo uns após outros. O infante e a nobreza exultavam, com terem pelo triumpho obtido na vespera mostrado a todos, e ao proprio rei, a sua moderação e a malicia do conde e de seus partidarios, que tinham persuadido a D. Affonso que o principe queria apoderar-se da sua pessoa e da coroa. O rei parecia nem pensar n'isso. Esteve n'este dia tão intratavel, e de tão mau humor como no antecedente. Bramava contra o secretario de estado, contra Simão de Vasconcellos, e contra Manuel Antunes.

— «São uns cobardes, (dizia) que me abandonaram. Desejava apanhal-os para os castigar e matar.»

Mandou pedir entretanto á rainha que mandasse vir o secretario. Chamou o marquez de Marialva, e ordenou-lhe que fosse procurar aquelles tres, e os trouxesse á sua presença. Communicou o successo a todos os conventos, para o caso em que algum dos profugos lá se fosse acolher; e a todos os governadores de praças na fronteira e no reino, para os mandarem procurar e remetter-lh'os.

Continuando todo o dia n'estes arrebatamentos, entendeu o principe não dever voltar ao paço: julgou melhor deixar passar e amortecer aquelle grande fogo.

No mesmo dia Salvador Corrêa fez constar a D. Pedro que, se quizesse, se retiraria; e, se queria que ficasse, se entregaria todo a seu serviço. D. Pedro respondeu, que se fosse, e não faltasse a isto. Aos do partido contrario, que não estavam ligados á corte por nenhum emprego, não escrupulisava fallar assim.

Á noite foi o rei ver a rainha.

— « Sois a causa de tudo o que se passou » lhe disse elle.

— « Pois fui eu que chamei o infante ao paço? »

— « Não digo isso (lhe tornou o rei), bem sei que não, mas se a rainha tivesse querido perdoar ao secretario, como eu lhe pedi, nada d'isso succedia. »

(Continúa) JOSÉ DE TORRES

TRAJO DOS DRUSOS

Foram estes malvados habitantes do Libano, na Syria, que ha pouco assassinaram perto de 18:000 christãos, e incendiaram 325 villas e aldeias!

Para castigar tão crueis assassinos, e salvar a vida dos christãos maronitas que, em numero de 75:000, fugiram para as montanhas, onde andam errantes, sem pão nem abrigo, tiveram as nações da Europa que mandar uma expedição áquella provincia da Turquia, havendo conseguido que o sultão castigasse com a pena ultima, alguns centares dos fautores e perpetradores de tão espantosa carnificina.

O rancor que os drusos tem aos maronitas provém da seguinte remotissima origem.

Em 433, da nossa era, morreu, em cheiro de santidade, um eremita do monte Libano, chamado Maron, de que falla S. João Chrysostomo. Os seus discipulos fundaram n'aquellas paragens muitos mosteiros, sendo o principal Apameo, nas margens do Oronte. Os christãos syriacos foram habitar para junto d'elles, abraçando depois a heresia dos monothelitas, que consistia em affirmarem, que não obstante haver duas naturezas em Jesus Christo, não havia n'elle mais que uma unica acção e uma unica vontade. Favorecidos pelo imperador Heraclio, os monothelitas fizeram muitos proselytos, mas depois foram expulsos do imperio por Anastacio II, retirando-se todos com os seus sectarios para as montanhas do Libano. No tempo dos cruzados, em 1282, abjuraram esta heresia nas mãos do arcebispo de Tyro, e mandaram os seus legados ao concilio geral de Latrão, celebrado pelo papa Innocencio II. Combateram com bravura nas cruzadas, e ficaram desde então sendo protegidos pela França.

Formam uma população de 150,000 almas, e occupam um territorio de 150 legoas quadradas. Os seus limites, porém, são arbitrarios: prolongam-se pelas faldas do Libano, em valles e planicies que o cercam, alargando-se á medida que necessitam de fundar novas povoações. Já hoje, diz Lamartine na sua *Viagem ao Oriente*, cobrem o espaço comprehendido entre Latakié e S. João de Acre de um lado, e do outro Damasco e Beyrouth. Occupam os valles mais centraes, e as cordilheiras mais elevadas do tronco principal do monte Libano, desde os arredores de Beyrouth até Tripoli de Cesaréa. As encostas d'estas montanhas para a parte do mar são regadas por numerosos rios, e cascatas perennes. Os maronitas cultivam trigo, cevada, vinho, azeite e sobre tudo seda. Estas montanhas são quasi inaccessiveis, mas a infatigavel actividade d'este povo tem conseguido fertilisar a rocha, tem feito do Libano um jardim coberto de amoreiras, figueiras, oliveiras, e muitos cereaes. »



Trajo dos drusos

Lamartine elogia muito as virtudes patriarchaes e a laboriosidade d'esta pequena nação. Tambem falla d'elles o nosso fr. Pantaleão de Aveiro no seu *Itinerario da Terra Santa*. Os maronitas professam a religião catholica; comtudo os padres tem liberdade de casar, e dizem missa em lingua syriaca.

Os drusos vieram do Egypto no seculo XVII, expulsos de lá por outra tribu de mahometanos. Reconhecem por seu deus o kalifa Kakem-Blumer-Allah, que ensanguentou o Egypto com barbaridades inauditas. Estabeleceram-se na Syria governados pelo califa Dorse, d'onde lhes provém o nome. Os maronitas acolheram-n'os fraternalmente, sem prever que deixavam entrar o lobo no aprisco. Começaram logo as hostilidades, sendo elles o terror do Libano. Só desde 1825 a 1840 é que o emir Bechir os conteve em paz. Porém, sendo desterrado, recomeçaram os odios seculares, que os pachás e caimacans em vez de atalhar excitavam.

Tal é a origem da horrivel matança que ultimamente houve na Syria, maior ainda se não fôra a energia de Abd-el-Kader.

Veremos qual é o resultado da expedição das potencias européas. Oxalá que ellas consigam exterminar as hordas de taes malfeitores, que renovaram n'este seculo as atrocidades do feroz Atila, e do sanguinario Gengis Kan!

CHARADA

N'um deserto me encontraes — 1
Girando continuamente — 1
Ajuntae-nos diligente,
E n'outro deserto estaes.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.